

Data: 22/06/2023

Viver Arte e Natureza: as experiências do GAE e a agente húmus

por Marina Ferreira Fraga

A vida enquanto imersão é a vida em que nossos olhos são ouvidos.

Sentir é sempre tocar a um só tempo em si mesmo e no universo que nos rodeia.

Emanuelle Coccia

Sou Mari Fraga, artista, professora e pesquisadora, atualmente atuo como professora adjunta no curso de Artes Visuais - Escultura na Escola de Belas Artes da UFRJ. A sala de aula, para mim, também faz parte de um modo de “viver arte”. O que eu experimento nos processos artísticos, também levo para que seja experimentado coletivamente com os estudantes, e, então, esta experiência informa novamente meu trabalho, e depois volta mais uma vez para a sala de aula, como uma contaminação cíclica. Portanto, arte e vida se misturam na minha existência, em casa, nas relações e no trabalho.

A experiência de natureza na Cidade do Rio de Janeiro é bastante diferente do narrado pelo artista Petrônio na Ilha do Ferro. É uma cidade com muitas florestas urbanas, mas que também apresenta questões socioambientais complexas de uma grande cidade. Desde 2009, as relações entre arte e natureza se tornaram centrais no meu trabalho artístico, que se desdobrou em pesquisas de mestrado e doutorado, e posteriormente na pesquisa como professora da UFRJ.

Atualmente sou uma das coordenadoras do GAE - grupo de pesquisa Arte:Ecologias, disponível no site <https://gaearteecologia.wixsite.com/grupogae> - que foi fundado pela professora e artista Paula Scamparini, e no qual participam uma série de jovens artistas e pesquisadores, estudantes e egressos.

Duas principais linhas de pesquisa movem o grupo. A primeira é linha Arte:Ecologias, que parte da proposta de pensar as Ecologias, no plural, como um dispositivo para trabalhar as relações e refletir sobre os processos artísticos, individuais e coletivos. A partir do pensamento sobre as relações entrelaçadas que vemos na natureza, e que podemos chamar de Sistema Ecológico, expandimos o conceito para pensar como nos situamos dentro desse sistema, como nosso próprio corpo é uma ecologia, e também pensar as relações humanas e não-humanas a partir dessa perspectiva. Dentro desse universo de possibilidades conceituais e artísticas, pesquisamos a paisagem, a agroecologia, o ecofeminismo, narrativas não-hegemônicas e outras cosmovisões, em contraste com os modelos de pensamento que moldam a sociedade ocidental.

A segunda linha de pesquisa é a GeoAstro-poéticas, que parte do desejo de troca com outras áreas da ciência. Os diálogos entre arte e ciência são centrais em minha pesquisa, que resultou também na Revista Carbono, que tem 8 edições e está disponível no link: <http://revistacarbono.com/>. Na linha de pesquisa GeoAstro-poéticas promovemos trocas com diversos campos da ciência, em especial as Geociências e a Astronomia, colocando em relação tanto a visualidade e quanto os discursos científicos com as nossas próprias pesquisas artísticas e teóricas. Propomos, portanto, uma abordagem de Ecologia como um rede de relações, de modo que não é possível pensar a arte e natureza sem refletir sobre o agenciamento humano na paisagem e as relações interespecies. Os impactos humanos também são uma parte da natureza, ainda que desequilibrada e tóxica. O meu desejo de pesquisa e de imaginação de futuro é que seja possível transformar os agenciamentos humanos na natureza em algo fértil e saudável, subvertendo as dinâmicas atuais de poder que desembocam nos impactos geológicos sobre o planeta – estes que deram nome à época atual, chamada Antropoceno.

Portanto, o grupo de pesquisa GAE Arte:Ecologias realiza exposições, imersões, residências, palestras, debates e eventos, além de metodologias experimentais em sala de aula, característica particular das nossas atuações como professoras. Semestralmente organizo visitas ao Parque do Catalão, que é uma reserva de Mata Atlântica localizada dentro do campus do Fundão, ocasião em que levo os estudantes para estar e viver a arte-natureza, ao mesmo tempo em que se deparam com os vestígios do impacto humano nas margens da Baía de Guanabara.

Em 2018 realizamos também uma residência imersiva em Santana do Cariri, no Ceará, levando um grupo de estudantes de arte que se integrou em uma turma de Paleontologia do IGEO, coordenada pelo professor Ismar de Carvalho. Foi uma experiência transformadora para todos: nos deslocou para outra paisagem e contexto socioambiental, bem diverso do Rio de Janeiro, e gerou muitos processos artísticos. Realizamos também visitas a museus, centros culturais e laboratórios científicos.

Meu trabalho autoral trata de questões ambientais há muitos anos, e se traduz em temas como mineração, o carbono e seus ciclos, o petróleo, matéria e energia, e o impacto industrial humano em contraste com outros modos de viver e usos da terra, especialmente inspirada na agroecologia, no Ecofeminismo e nas cosmovisões ameríndias. Nesses processos, tenho refletido sobre como a exploração da terra é análoga à exploração dos corpos vulneráveis, marcados por desigualdades sociais, raciais e de gênero. Estas reflexões geram processos e obras artísticas em muitas linguagens, como fotografia, vídeo, instalações, escultura, pintura.

Em 2016 apresentei a tese de doutorado “Do Fóssil ao Húmus: Arte, Corpo e Terra no Antropoceno (disponível aqui) no PPGArtes UERJ - pesquisa que se mostrou pioneira na articulação entre o Antropoceno, as Mudanças Climáticas e a Arte Contemporânea nos programas de pós-graduação em artes do Brasil. A tese apresenta as diferentes vertentes da investigação, e trata tanto dos impactos socioambientais da atividade industrial - tomando o petróleo como

Data: 22/06/2023

material de pesquisa - quanto de outros modos de agenciamento junto à natureza, como a agroecologia e o ecofeminismo. Dentro dessa pesquisa realizei as exposições Tempo Fóssil em 2016, com curadoria de Michelle Sommer, Minério-Hemorragia em 2018, com curadoria de Keyna Eleison, e em 2021 a instalação multimídia Imagem-Matéria, realizada para a residência artística ComCiência, do Museu de Minas e Metal MMGerda, em Belo Horizonte.

A partir do desejo de pensar relações com a natureza que gerem fertilidade ao invés de exploração, surgiu a personagem fictícia Agente Húmus, que é uma atitude a ser encarnada por seres humano e não-humanos, como pessoas, coletivos, assim como uma rede fungos ou uma minhoca. A agente húmus é uma agente ecofeminista que realiza uma compostagem cultural e política no mundo – é uma imagem que nos provoca a pensar sobre outras formas de estar e se relacionar com a natureza, assim como busca questionar nossa cultura de exploração e consumo para imaginar em outros modos de viver e produzir. Essa personagem é uma proposição artística que se traduz em experiências sensoriais, em que criei uma metodologia para sair do protagonismo da visão e atentar para os outros sentidos, que são ativados por materiais como pedras, plantas e argila.

O processo resgata memórias de infância, desloca o pensamento racional e provoca o corpo a se lembrar de habilidades muitas vezes esquecidas, ativando sentidos que antes estavam atuando de modo periférico ou inconsciente. A energia dos sentidos aguçados faz pensar no nosso corpo como natureza. Tenho promovido essas experiências sensoriais da agente húmus em sala de aula e em eventos mediados, com diversos formatos. Um deles foi a experiência sensorial direcionada para as crianças a convite do Museu do Pontal, em que sentimos as matérias orgânicas e criamos mini-esculturas-bombas-de-sementes, que é uma tática de eco-guerrilha, e finalizamos com um plantio lúdico, inaugurando a horta do Museu.

A conversa com o artista Petrônio abre mais um desejo de pesquisa, a partir de sua narrativa a respeito da “arte da imaginação”. O GAE tem como uma de suas propostas se aproximar de outros contextos culturais, modos de ver e pensar a vida e o mundo, outras cosmovisões, e portanto desse diálogo nasce o desejo de realizar uma imersão na Ilha do Ferro e trocar com Petrônio sobre natureza, escultura, arte e vida.

Mari Fraga, 2023.

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuelle. **A Vida das Plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.